

# O DESBRAVAR DO MUNDO LITERÁRIO EM SALA DE AULA, EM PAUTA: A CARTA

Juliana Zanco Leme da Silva<sup>1</sup>

## Considerações iniciais

A sala de aula é um desafio constante ao educador que pensa em seu aluno como sujeito do processo ensino-aprendizagem, pois esse olhar o leva a buscar caminhos diferentes, atrativos, estimulantes e, talvez, inusitados. Partir da realidade dos alunos, entender e encontrar meios, para que desenvolvam a leitura crítica das diversas linguagens que os rodeiam é, sem dúvida, um desafio. Para concretização de tais reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem, procuramos analisar e expor, neste trabalho, uma sequência de atividades didáticas, desenvolvidas em sala de aula com os alunos do Ensino Fundamental II, a partir de cartas escritas por leitores infanto-juvenis “reais” das décadas de 1980 e 90, enviadas a Pedro Bandeira, tais cartas são fruto de pesquisa no CEDAE – Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas).

O trabalho com este gênero textual objetivou: (i) proporcionar o desenvolvimento da competência leitora e escritora; (ii) despertar o prazer pela leitura; (iii) compreender a intertextualidade; (iv) desenvolver a oralidade, também possibilita: a) ao aluno, agir sobre o objeto de estudo, a carta, por meio dos conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem presentes nesse gênero e b) ao professor, organizar a mediação entre o aluno e o objeto de conhecimento, ou seja, abarca as três variáveis do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

## A carta em sala de aula

Para iniciarmos a exposição e reflexão das atividades propostas em sala de aula, gostaríamos de esclarecer que procuramos trabalhar o “ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 9).

A primeira atividade tinha como principal objetivo o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, em relação ao gênero textual cartas. Para tanto, os alunos foram questionados se já haviam recebido ou enviado uma carta:

*Vocês já receberam ou enviaram uma carta? Caso afirmativo, contem aos colegas: A quem vocês enviaram? De quem receberam? Como era o envelope? Havia selo? Como era o suporte, ou seja, o papel no qual a carta foi escrita? Caso vocês tenham enviado para alguém, comente com colegas: Vocês escreveram a carta uma vez?*

Paulo Freire (1996, p. 44) nos faz refletir que o educador deve “assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda”.

Com esta primeira atividade, constatamos que vários alunos, em ambas as salas, já haviam enviado ou recebido uma carta, alguns devido a uma atividade escolar, outros por questões pessoais (parentes distantes sem acesso à internet). Também, recordaram sobre a escolha do papel para a escrita do texto, vários alunos relataram que compraram o papel de carta ou que fizeram desenhos, a fim de “impressionar” o destinatário.

---

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [julianaportugues@bol.com.br](mailto:julianaportugues@bol.com.br).

A segunda atividade proposta foi a leitura de duas cartas de leitores infanto-juvenis a Pedro Bandeira, a qual foi introduzida da seguinte maneira:

*“Leremos duas cartas enviadas a alguém especial...”*

Primeiramente, propusemos a leitura silenciosa e depois algumas anotações sobre as cartas: *Quando e onde foram escritas? Quem é o destinatário? Quem são os possíveis remetentes? Há pontos comuns e divergentes entre elas? Caso afirmativo, elenque-os pelo grau de importância.*

É importante ressaltar que “a leitura silenciosa ou *autônoma* possibilita ao aluno a leitura de textos para os quais já tenha desenvolvido certa proficiência e vivencie uma situação de leitura com independência” (PCN, 1998, p. 72). Acreditamos que a cartas escritas por remetentes infanto-juvenis auxiliem no processo de desenvolvimento da competência leitora do aluno e encoraje-os a aceitar desafios mais complexos.

Após a leitura, fizemos os seguintes questionamentos:

- a. *As cartas lidas foram escritas por pessoas reais, você deve ter notado que ambas se referem ao livro A marca de uma lágrima de Pedro Bandeira. Por que as remetentes fazem alusão a essa obra?*
- b. *Qual seria o motivo principal das remetentes escreverem a carta ao autor? Exemplifique sua resposta com trechos das cartas.*

Depois da conversa sobre as anotações do texto, assumimos o papel de escriba e junto com a classe elaboramos um pequeno texto na lousa com a resposta final, para que não falassem informações a ninguém!

Com esta atividade, tivemos um bombardeio de perguntas e comentários sobre a origem das cartas, as datas em que foram escritas, a linguagem empregada nos textos, a caligrafia das remetentes e o fato de indicarem a série e não o ano em que estudam (como acontece nesta escola), alguns alunos calcularam qual seria a idade atual das remetentes. Percebemos que os termos destinatário e remetente eram desconhecidos pelos alunos.

Com referência às questões propostas, imediatamente os alunos começaram a questionar sobre o livro *A marca de uma lágrima* e Isabel, a personagem citada pelas remetentes. Perguntaram se o autor havia respondido às cartas e se as remetentes tinham conseguido a ajuda do autor, ou seja, os alunos além de responder às questões propostas, ainda, levantaram outros questionamentos sobre os textos.

Propusemos também uma atividade classificada como *leitura colaborativa* pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 72-73), nessa atividade o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. Também, possibilita ao aluno explicitar os procedimentos que usa para atribuir sentido ao texto.

Buscamos suscitar a curiosidade dos alunos em relação à obra de Pedro Bandeira como os seguintes questionamentos:

- a. *Você já leu algum livro de Pedro Bandeira? Caso afirmativo, qual foi? Você gostou? Leremos trechos do livro A marca de uma lágrima:*

Aquele era o seu pior inimigo. O mais cruel, o mais cínico, o mais impiedoso. Um inimigo que falava a verdade. Sempre. Sempre a verdade. Toda aquela verdade que Isabel conhecia muito bem e que nunca a abandonava. Ainda com a escova de cabelo na mão, Isabel não podia deixar de encará-lo. Lá estava ele, encarando a garota de volta, com os próprios olhos da menina.

De um lado, eles estavam molhados. Do outro, refletiam-se gelados, vítreos, sem compaixão.

- Feia...

Isabel sufocou um soluço.

- Gorda...

Uma lágrima formou-se na pontinha da pálpebra.

- Que óculos horrorosos...

Como um bichinho que foge, a lágrima saiu da toca e foi esconder-se no aro dos óculos.

- Você plantou uma rosa no nariz.

- Cale a boca... por favor...[...]

(BANDEIRA, 1983, p. 4)

b. *Como você imagina Isabel fisicamente?*

c. *Quem será que está falando com a garota? Vamos verificar?*

[...]

- Por favor... Me deixe em paz...

- Você vai espremer a rosa amarela. O seu nariz vai inchar... [...]

A raiva foi tanta que escova de cabelo voou com força, acertando o inimigo em cheio bem na cara.

- Isabel! Venha cá. Morreu aí no banheiro, é?

O chamado penetrou-lhe os ouvidos, acordando a menina do pesadelo que ela sofria acordada. A voz irritante da mãe, estridente como uma campainha de despertador. Devia estar com enxaqueca como sempre. Na certa ia reclamar de alguma coisa, exigir que a filha respeitasse pelo menos sua dor de cabeça, queixar-se de...

O combate com o inimigo estava suspenso, por hora. Isabel sacudiu a cabeça, como se despertasse e esfregou o rosto, apagando as marcas da luta. Uma última olhada para o inimigo. Ele a olhou de volta, agora com uma rachadura de alto a baixo.

“Sete anos de azar!”, pensou Isabel. “Ah, o que são sete, para quem já viveu 14 dos anos mais azarados do mundo?”

- Isabel! – ainda mais irritada, a voz da mãe invadiu o banheiro. – Não me ouviu chamar?

“Será que minha mãe quebrou dois espelhos quando eu nasci?”

(BANDEIRA, 1983, p. 5-9)

d. *Você a considera Isabel uma menina triste ou feliz? Por quê? Escolha um trecho do texto que comprove sua resposta.*

e. *Quem é seu inimigo? Por quê?*

[...]

Distraída, Isabel deixava a caneta deslizar pelo caderno. Deveria tomar notas, mas as palavras que lhe entravam pelos ouvidos chegavam totalmente transformadas às pontas de seus dedos.

- ... a física estuda a relação que existe...

*Neste físico de um deus grego,  
numa intensa relação,*

*eu, pálida e bêbada, tremo  
e me afogo e me sufoco  
entre loucura e paixão...  
-... entre a matéria e a energia...*

*Quero fundir meu corpo  
no teu corpo junto ao meu.  
Nos teus braços serei sega  
para que sejas o meu guia.  
Nós seremos a matéria,  
nosso amor será a energia...  
-... a energia afeta a matéria...*

*Se esse amor me modifica,  
me transforma, me edifica,  
se ele afeta tanto a mim,  
também te transformará.  
A energia desse amor  
Afetou-nos para sempre,  
e a matéria que hoje somos  
outra matéria será...  
- ... e a matéria afeta a energia...*

*Seremos dois novos amantes  
pelo amor energizados,  
transformados,  
mas em quê?  
Quem eras antes de mim?  
Quem sou depois de você?  
- ...esse processo de  
transformação é o objetivo....*

*No meu seio serás meu  
para o uso que eu quiser.  
Nos teus braços em abandono,  
a teu lado sou mulher...  
(BANDEIRA, 1983, p. 44-47)*

- f. No fragmento, há um poema criado por Isabel. Quando ele é criado? Qual a parte do texto nos esclarece o momento da criação do texto?
- g. Observe o poema, as reticências são usadas em todas as estrofes, porém com finalidades diferentes. Explique o emprego das reticências em cada estrofe.
- h. Fizemos leituras de textos diferentes. Os dois primeiros são classificados como cartas. Nos fragmentos da obra de Pedro Bandeira, temos um texto narrativo e um poema. Quais são as características estruturais dos textos.
- i. O que os textos têm em comum?

Acreditamos que o trabalho com fragmentos de textos literários que constituem “uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (PCN, 2008, p. 26) e cartas de leitores infanto-juvenis reais podem aguçar no aluno o desejo de ler obras literárias e despertá-lo à importância da produção textual.

Descobrimos, com esta atividade, que os alunos não conheciam nenhum livro de Pedro Bandeira, todavia participaram ativamente do desenvolvimento da *leitura colaborativa*. Em alguns momentos, tivemos que mediar às respostas para que todos pudessem ouvir e participar.

Propusemos, ainda, atividades didáticas de produção textual, que segundo os PCNs (2008, p. 76) quando envolvem autoria ou criação são complexas, porque o aluno precisa articular dois planos: o do conteúdo - o que dizer e o da expressão - como dizer. Por isso, uma produção textual de autoria deve apresentar uma boa proposta, a fim de que o aluno tenha estímulo para produzi-la e consiga articular o conteúdo e a expressão. Para tanto, é necessário o planejamento da aula, que não se restringe somente ao conteúdo, mas à organização do tempo, envolvimento dos alunos na atividade e motivação do professor, pois é uma atividade trabalhosa.

Primeiramente, solicitamos aos alunos que observassem a imagem do posfácio, ou seja, a declaração do autor que consta no final do livro *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira:

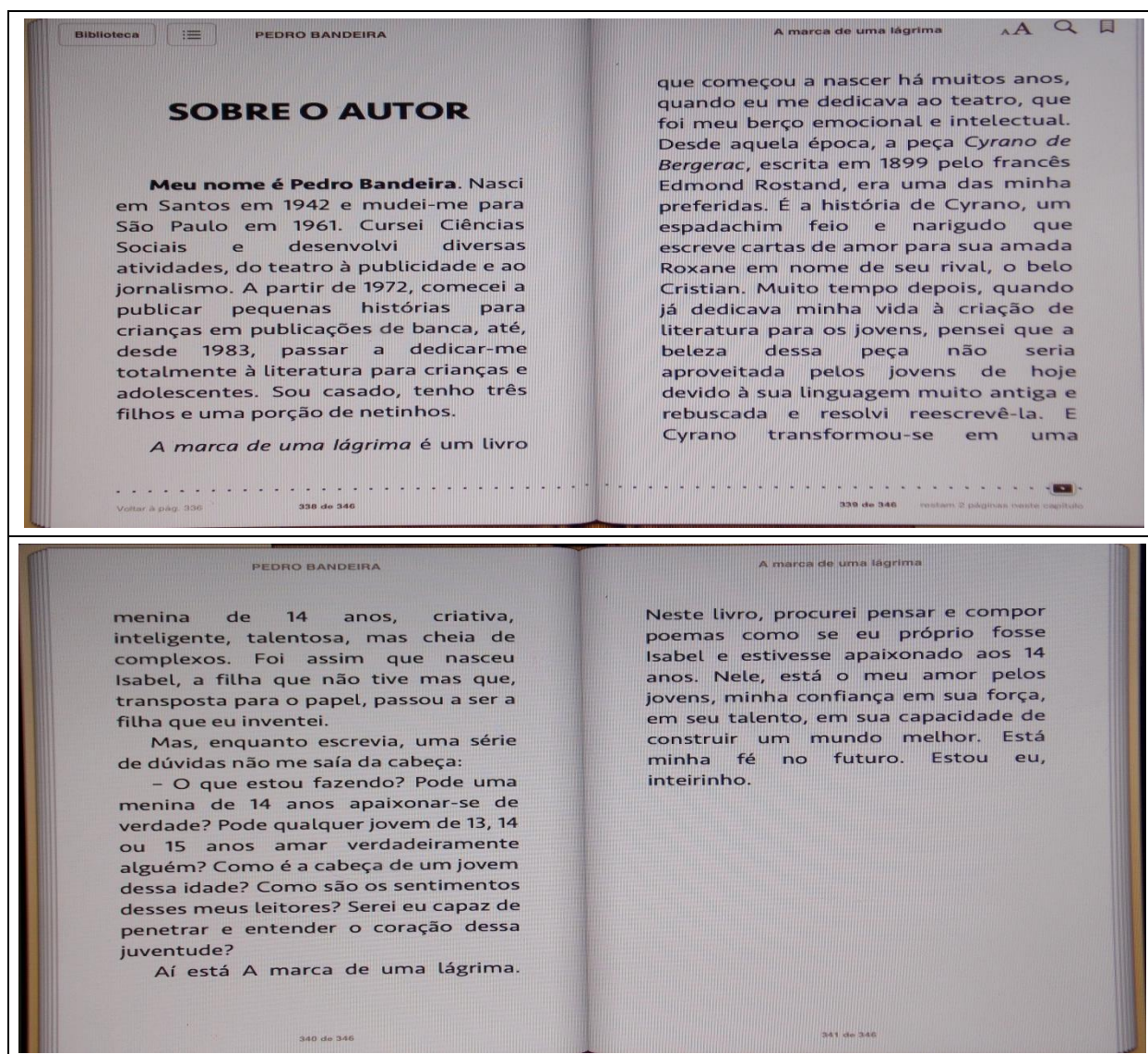


Figura 01: Imagem do posfácio de *A marca de uma lágrima*, Ed. Moderna, 1983, p. 338-339

Logo após, sugerimos: *Vamos imaginar...*

*Se você fosse o autor Pedro Bandeira como responderia às cartas? Coloque-se no lugar do autor e responda uma das cartas. Lembre-se de datá-la, da saudação, da despedida e assinatura. Primeiro faça o rascunho e depois passe a limpo.*

A segunda proposta envolvia a observação de uma imagem e de fragmentos e foi introduzida da seguinte maneira:

*Observe a imagem abaixo e leia o fragmento do capítulo 8 de A marca de uma lágrima de Pedro Bandeira:*

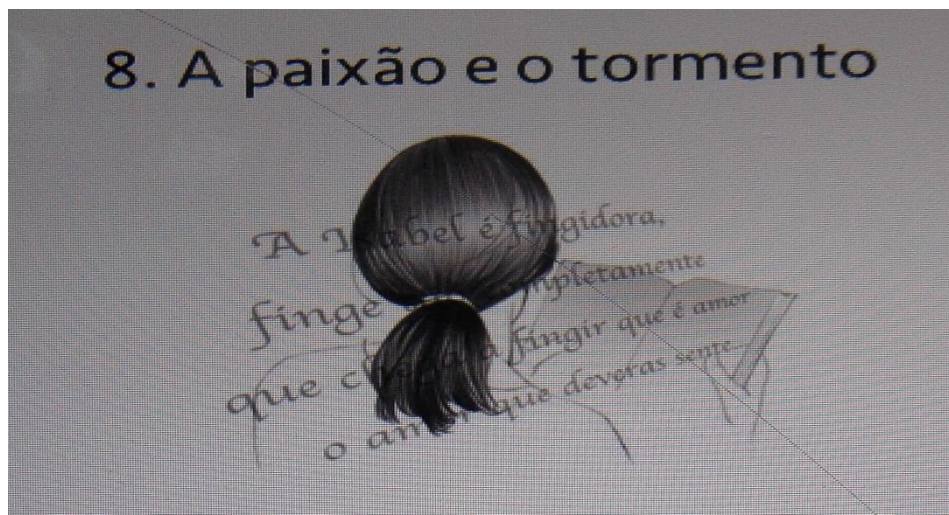


Figura 02: (BANDEIRA, 1983, p. 104)

[...]

Nem olhou para trás. Não aguentaria testemunhar o encontro. Beijinhos, palavras vazias, sorrisinhos, mãos dadas...

Quando entrou na livraria, porém, tinha um ar despreocupado, como se no cinema, quase vizinho, não tivesse deixado um pedaço de si mesma. Isabel procurou as estantes do fundo, onde sempre tem menos gente e menos luz. Ao acaso, uma edição luxuosa: Fernando Pessoa. Bateu os olhos e incluiu a si mesma no poema *Autopsicografia*:

*A Isabel é fingidora  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é amor  
o amor que deveras sente...*

Lia com um sorriso vago, como se lê uma velha anedota. Outro fingimento. Não era ela a rainha dos fingidores? Fingia tão completamente naqueles versos e cartas que Cristiano acreditaria naquele amor. E ficaria cada vez mais apaixonado... por Rosana!

“Fingir não é difícil, quando se finge que se finge. É só alguns exageros, alguns símbolos...”

Mais uma vez, das páginas do livro, saltaram as palavras de Fernando Pessoa reforçando o pensamento de Isabel:

*“Símbolos? Estou farto de símbolos!  
Que o sol seja um símbolo, está bem.  
Que a lua seja um símbolo é, não o sol, não a lua, não  
a terra,  
mas a costureira que para vagamente à  
esquina  
onde se demorava outrora com o*

*namorado que  
a deixou?  
Símbolos? Não quero símbolos!  
Queria que o namorado voltasse para a  
costureira!*  
(BANDEIRA, 1983, p. 105-107)

Após a observação da imagem e leitura dos fragmentos propusemos:

*Isabel é uma poetisa que acredita estar apaixonada por seu primo Cristiano, que por sua vez está apaixonado por Rosana, a melhor amiga de Isabel. Rosana e Cristiano não têm habilidades para escreverem seus sentimentos e pedem à Isabel que escreva por eles, Isabel aceita e, apesar de todo o seu sofrimento, mantém o namoro de sua melhor amiga e de seu amor. Imagine que Isabel se cansou desta situação e resolveu enviar uma carta à Rosana e a Cristiano confessando o seu amor. Como seriam os textos? Lembre-se de datá-los, da saudação, da despedida e assinatura. Primeiro faça o rascunho e depois passe a limpo.*

A terceira proposta de produção textual também envolvia a leitura de fragmentos do livro *A marca de uma lágrima*:

*Leia o fragmento final de A marca de uma lágrima de Pedro Bandeira:*

[...]

- Isabel, você não compreende...

- É verdade, Cristiano, eu custei a compreender. Compreender que sou uma artista. Uma artista que criou os dois lados de uma paixão que só existia na minha cabeça. Mas o amor de você e Rosana é real. Vocês se amam, *apesar* e não *por causa* das minhas palavras. Se não sabem se amar sem elas, amem-se calados!

- O que você está dizendo, Isabel?

- Ou façam como todo mundo e busquem inspiração em qualquer poeta, em qualquer músico, em qualquer músico, em qualquer pôr do sol, em qualquer lua. De preferência, procurem um poeta que não tenha sido beijado por você em nenhum jardim e de quem você não tenha salvo a vida em nenhum sofá!

- Mas eu não...

- Deixe-me, Cristiano. Vá procurar Rosana. Eu sei que há uma grande verdade no meu amor por você. Uma verdade que não fui eu que escrevi. Uma verdade que foi escrita sem palavras, com um beijo, em um jardim de sonhos. Sei que jamais esquecerei aquele beijo, mas tenho de tentar. Devo minha vida a você. Duas vezes. Devo minha paixão a você. Para sempre. Mas eu não aguento mais. Tenho de esquecer aquele beijo. Tenho de esquecer você. Ou passar a vida tentando.

Cristiano não entendia nada. Levantou-se num repente e segurou a menina pelos ombros.

- Esqueça tudo isso, Isabel. Esqueça as cartas, esqueça tudo! O que importa é que nós dois nos amamos. Vamos começar tudo de novo, meu amor!

Debruçou-se sobre ela, com os lábios ávidos por beijá-la. Isabel desviou o rosto e, com as mãos tentou, afastar o rapaz.

- Não, Cristiano, por favor... eu não quero mais sofrer.

As mãos de Isabel espalmaram-se no peito de Cristiano. A camisa afastou-se, revelando o peito nu.

- Cristiano! A correntinha! Onde está a correntinha?

- Que correntinha, meu amor? Eu não uso correntinha...

Isabel livrou-se do abraço e, a custo, levantou-se da cama.

- Você... Você não usa correntinha!  
- Por que deveria usar? De que está falando, Isabel? Eu não entendo!  
Com o corpo mal coberto pela minúscula camisola do hospital, tonta pelos vestígios do calmante que ainda circulava em suas veias, Isabel estava com o rosto em fogo.  
- Eu vi tudo errado! Eu criei a fábula falsa! O beijo no jardim, *não* era você!  
- No jardim? Que jardim?  
- O beijo no sofá, *não* era você! O frasco de sangue, arrebatando-se neste quarto e me salvando da morte, *não* era você!  
- Isabel, você enlouqueceu?  
Como louca, Isabel ria, às gargalhadas, cambaleando.  
- Como fui cega! Só enxerguei a fábula que eu mesma estava criando! Não preciso esquecer aquele beijo, Cristiano. Eu disse que ninguém haveria de me tirar aquele beijo, e isso ninguém vai me tirar. Ele é *meu*!  
Cambaleou tonta até a janela. Uma chuva miúda enregelava a paisagem. E ela viu no jardim do hospital quem queria ver.  
- Me espere, meu amor...  
Arrastou-se como bêbada para a porta do quarto.  
- Não, Isabel! Você está muito fraca. Não pode sair da cama!  
- Volte para Rosana, Cristiano. Ela o ama e você a ama. Agora tenho de consertar todos os enganos que eu mesma criei. Tenho de encontrar a pessoa que me amou como eu sou, sem fábulas, sem versos, sem cartas, com todos os meus problemas e as minhas loucuras. Adeus, primo querido. Volte para Rosana!  
Enfraquecida, seminua, abriu a porta correu pelos corredores do hospital. Suas pernas mal obedeciam e o frio do pavimento penetrava-lhe as solas dos pés.  
- Meus amor, espere por mim!  
Livrou-se de um atendente que tentou detê-la, e chegou vermelha, ardendo em febre, à porta do hospital.  
No meio do jardim, um rapaz levantou o olhar para ela.  
- Isabel!  
- Fernando!  
Tropeçando, escorregando, Isabel correu pelas alamedas molhadas na direção dos braços que a aguardavam.  
A chuva colava sua camisolinha ao corpo quando Fernando a abraçou.  
- Fernando, meu querido! Eu preciso dizer...  
- Quietinha, meu amor! Você já falou demais...  
E os lábios de Fernando procuraram a boquinha trêmula de Isabel, calando, com um beijo apaixonado, tudo aquilo que não mais precisava ser dito...  
A chuva apertou, encharcando os dois, como se quisesse dissolvê-los em um só corpo, num abraço eterno...  
(BANDEIRA, 1983, p. 330-346)

*Imagine que Isabel não tenha gostado do final proposto ao livro e tenha decidido escrever a Pedro Bandeira sobre algumas alterações necessárias à história. Como seria a carta?*

*Lembre-se da data, da saudação, da despedida e assinatura. O rascunho é indispensável para que você tenha liberdade para criar e depois fazer as alterações necessárias a fim de que seu texto fique com sua cara!*

As propostas de produções textuais, em um primeiro momento, causaram estranheza aos alunos pelo fato de precisarem criar *máscaras* ou *personagens* para escreverem, como por exemplo, na primeira proposta, na qual os alunos teriam que escolher uma das remetentes e responder a carta como se fossem o autor, porém conseguiram produzir os textos.



Gostaríamos de lembrar, aqui, as palavras de Vasconcelos (2010, p. 17), “é preciso planejar: o planejamento (e o constante replanejamento) do curso e das aulas constitui tarefa indispensável à função docente”, toda a ação docente deve ser planejada, por isso acreditamos que a produção textual deve envolver várias etapas:

- a. *Compreensão e interesse pela proposta - quando bem elaborada é significativa;*
- b. *O planejamento – momento em que o aluno faz escolhas sobre o que e como escrever;*
- c. *Produção inicial do texto – organização das escolhas realizadas no planejamento do texto;*
- d. *Avaliação pelo professor e pelo aluno da produção textual – estabelecimento de itens a serem verificados nos textos (estruturais, ortográficos, sintáticos etc);*
- e. *Produção final do texto – momento de passar o texto a limpo;*
- f. *Leitura do texto – pode ser realizada na sala para os colegas, em murais pelos outros alunos da escola, no jornal da escola ou da classe etc.*

Em relação às propostas de produção textual, constatamos que os alunos não apresentaram dúvidas quanto à estrutura do gênero, acreditamos que as cartas das remetentes serviram como exemplo. Durante o processo de produção textual, os alunos não tiveram orientação em relação ao tipo de linguagem que deveriam usar, todavia fizeram as escolhas de acordo com os destinatários. Outro aspecto interessante e surpreendente foi o fato de que as atividades suscitaram o desejo, praticamente imediato e unânime, nos alunos de lerem o livro.

### **Considerações finais**

Ao desbravarmos as cartas de remetentes “anônimos”, descobrimos que a singular troca de correspondências entre leitores e autores pode abrir caminhos para práticas didáticas, relacionadas à leitura e à escrita.

Também foi possível vislumbrar o universo literário, através das diferentes modalidades de apropriação dos textos: “o mundo do texto” que possibilita e restringe a produção de sentido e o “mundo do leitor” que pertence ao campo da interpretação de textos (CHARTIER, 1997).

Ao adentrar o “mundo do leitor” descobrimos que este ao escrever sua carta desmistifica a obra literária, fazendo uma leitura singular sobre as personagens, como por exemplo, Isabel, a protagonista do livro *A marca de uma lágrima*, parece-nos que esta desmistificação da obra literária permite que o leitor veja o autor como parte da narrativa, isto é, a imagem criada do autor está estritamente relacionada aos elementos da narrativa (personagens, espaço, tempo e principalmente o narrador).

Assim sendo, as atividades possibilitaram a reflexão sobre os possíveis objetivos da emissão das cartas de adolescentes e jovens a Pedro Bandeira e suscitaram nos alunos o interesse de ler obras do autor e, conseqüentemente, o desbravar do mundo literário.

### **Referências**

BANDEIRA, Pedro. **A marca de uma lágrima**. Ed. Moderna, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1996/1997.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental - **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARTIER, Roger. Crítica textual e história cultural. In: **Leitura: teoria e prática**, n. 30. Campinas/ALB: Porto Alegre/Mercado Aberto, dez/1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

VASCONCELOS, M. L. M. et al. **Linguagens na sala de aula do ensino superior.** 2. ed. Niterói: Intertexto; São Paulo: Xamã, 2010.